

# **Entre a diversidade de espaços e cenários musicais: reflexões a partir de três cenas<sup>1</sup>**

Maria Cecilia de A. R. Torres

**Between the  
diversity of spaces  
and musical  
scenery: reflexions  
from three scenes**

## Resumo

Este ensaio discute aspectos relacionados ao tema da diversidade de espaços e de cenários musicais, temática extremamente importante para as nossas reflexões como professores/educadores musicais, para pensarmos acerca das diversas concepções e práticas que permeiam os nossos múltiplos saberes e fazeres musicais. Focalizo três cenas, em diferentes espaços de formação de professores, entremeadas ao tema da educação musical e diversidade, das quais emergem aspectos relacionados a concepções e práticas musicais, envolvendo gosto musical, escolha de repertório e articulações com o cotidiano, com performances, com o ato de tocar um instrumento, no momento de organizar uma improvisação e outras questões pertinentes.

**Palavras chave:** diversidade, cenários musicais, práticas musicais, formação de professores

## Abstract

This paper discusses aspects related to the subject of diversity of musical spaces and sceneries, an extremely important thematic for our reflexions as teachers/music teachers, for us to think about the diverse conceptions and practices that permeate our multiple musical knowledge and actions. I focus upon, three scenes, in different spaces of teacher's formation, interlaced with the theme of diversity and music education, through which emerge aspects related to musical taste, choice of repertory and articulations with everyday life, with performances, with the act of playing an instrument, of organizing a musical improvisation and other pertinent questions.

**Keyword:** diversity, musical sceneries, teacher formation

Recebido em 30/05/2006

Aprovado para publicação em 20/06/2006

**E**ste ensaio apresenta e discute alguns aspectos relacionados à diversidade de espaços e de cenários musicais, considerando o campo da Educação Musical. Esta temática é extremamente importante para as nossas reflexões como professores/educadores musicais, para pensarmos acerca das diversas concepções e práticas que permeiam os nossos múltiplos saberes e fazeres musicais.

Optei por focalizar e comentar três cenas, em diferentes espaços de formação de professores, entremeadas ao tema da educação musical e diversidade, das quais emergem aspectos relacionados a concepções e práticas musicais, envolvendo gosto musical, escolha de repertório e articulações com o cotidiano, com performances, com o ato de tocar um instrumento, de organizar um arranjo para um determinado grupo e outras questões pertinentes. Sobre as cenas selecionadas para este artigo lancei meus olhares de professora de cursos de Graduação em Música: Licenciatura e de docente que atua em cursos e espaços de formação continuada, buscando o entrelaçamento entre questões da educação e da educação musical.

Antes de apresentar as cenas escolhidas para compor este texto, considero fundamental trazer algumas idéias de Penna (2005) a respeito do tema da diversidade e das práticas musicais, para embasar as reflexões e, certamente, desencadear outros questionamentos acerca desta temática. Segundo a autora, a troca de experiências e o diálogo são importantes indicações para o trabalho pedagógico e para o diálogo entre professores e alunos, pois:

Se como professores, nos mantivermos presos a nossos padrões pessoais, presos a nosso próprio gosto, ou simplesmente às indicações de algum livro didático, com seus modelos escolares de arte, sequer seremos capazes de iniciar esse diálogo, pois nossa tendência será desconsiderar, desqualificar e desvalorizar a vivência do aluno – a sua música, a sua dança, a sua prática artística, enfim (Penna, 2005, p.14).

A partir deste excerto de Penna (2005), apresento os três cenários musicais com seus atores e suas práticas: um Curso de Pedagogia, um Curso de Graduação em Música e um curso de Música como formação continuada para professores leigos das séries finais e do ensino médio.

**CENA 1: Entre memórias musicais e crenças pedagógicas de professoras e futuras professoras do ensino fundamental:  
“Ah, tem músicas lindas que eu utilizava”<sup>2</sup>**

Esta cena é um recorte da minha pesquisa de doutorado realizada com um grupo de vinte alunas de um Curso de Pedagogia, também professoras e futuras professoras do ensino fundamental. Busquei saber “quais eram os impactos ou desdobramentos das diversas lembranças musicais da infância, adolescência e vida adulta e as relações destas com as *crenças* e propostas pedagógicas, hoje, como adultas, alunas da Pedagogia e professoras do ensino fundamental”.

Partindo desse questionamento, as alunas mesclaram estas lembranças musicais com suas experiências vividas na sala de aula em diferentes momentos, ora como estagiárias, ora como professoras regulares das turmas. As entrevistadas destacaram uma diversidade de estratégias de trabalho, entrelaçaram saberes e concepções musicais que permeiam essas lembranças, assim como destacaram a *beleza e magia da música*, as *trilhas sonoras dos recreios* e os exemplos de trabalhos com bandinha e confecção de instrumentos musicais.

Trago, desta maneira, alguns excertos das entrevistas e das autobiografias musicais deste grupo, nos quais ressaltam estas questões:

Como professora sempre tentei levar para os meus alunos a beleza e a magia dos sons. Sempre tentei explorar a variedade de sons dentro e fora do ambiente escolar.. A música sempre estava presente nas atividades que trabalhava, tanto nas séries iniciais, quanto nas séries seguintes, nas aulas de ensino religioso, moral e cívica etc... (Madalena, 56 anos, A).

Aos 15 anos comecei a fazer estágio em uma creche municipal, paralelamente ao curso de magistério. Sempre cantava com as crianças as músicas infantis da minha infância e as que eu aprendia nas aulas. Trabalhei lá até os 18 anos, quando comecei na escola em que fiz o Curso de Magistério... No recreio é que eu tenho um contato maior com a música, na hora do pula-corda das crianças, cantigas de roda, cantigas rimadas, coreografadas etc... (Manoela, 21 anos, A).

Um outro ponto recorrente nas falas das entrevistadas estava relacionado ao desejo e à necessidade de usar um repertório musical diversificado, conhecendo as trilhas que compõem os cotidianos musicais dos alunos, possibilitando que as preferências dos alunos fossem conhecidas e socializadas no grupo, como se depreende dos excertos abaixo:

Eu já trabalhei no ano passado com meus alunos, eu tinha uma turma que gostava assim das músicas desses raps, dessas coisas assim... Eu trabalhei músicas da Ultramen com eles, né! A gente discutiu. Pretendo também trabalhar – e eu comprei aqueles CDs de músicas do Sul – como eu vou dar aula pra 4ª. série e tem toda essa parte do Rio Grande do Sul, eu também vou utilizar algumas músicas com eles (Viviane, 28 anos, E).

A fala de uma das entrevistadas desta pesquisa, Viviane, é perpassada por um discurso que vai ao encontro do discurso pedagógico crítico, proposto por Paulo Freire em suas obras, e no qual fica ressaltada a importância de se valorizar os conhecimentos, saberes e vivências dos alunos. São discursos que estão presentes e são divulgados em muitos espaços de formação pedagógica e, certamente, fazem parte do processo de constituição das identidades das alunas/professoras.

Ao mesmo tempo em que a presença da música era ressaltada como importante por Viviane, pode-se perceber que Roberta, ao refletir acerca de determinadas atividades realizadas na escola, principalmente nas séries iniciais do en-

sino fundamental, chamava a atenção para o fato de se observar o que se está cantando com as crianças. Ela também ressalta o aspecto de se desenvolver essa atividade sem um objetivo claro, pois comenta que:

Eu acho que muitas vezes a gente priva o aluno de ter esse contato por causa dessas questões, assim, acho que fica muito vazio. Também, cantar uma música por cantar, não, também não leva a nada. Então eu acho que tu tem de observar bem o que tu tá cantando, pra que tá cantando e pra quem tu tá cantando. Eu acho que tudo tem seu determinado momento... eu trabalho com crianças de 1ª. série; eles têm criticidade no ar... (Roberta, 28 anos, E).

Este tópico apontado na fala de Roberta, uma das outras vinte alunas do Curso de Graduação em Pedagogia que compôs o grupo de entrevistadas deste trabalho, conecta-se a uma outra reflexão relacionada a um certo pedagogismo da concepção de que, especificamente nas aulas com atividades musicais, sempre se tem de cantar “para alguma coisa” e “para alguém”. Esta discussão já está presente em discussões e textos da área de educação musical, dizendo respeito às abordagens de e com música na sala de aula. Segundo Souza et al. (2002), existe um paradoxo que envolve mudanças no pensamento pedagógico musical. Argumentam:

Refletir sobre a presença da música nas séries iniciais como disciplina curricular inclui o paradoxo: música na aula ou aula de música? Para além do jogo de palavras, esse paradoxo reflete a situação política e educacional que a música vem ocupando ao longo da história da educação musical no Brasil. O paradoxo reflete também as mudanças do pensamento pedagógico-musical e as instabilidades do papel que a educação musical vem ocupando na formação dos docentes e do *status* que vem sendo atribuído à música pelas leis, decretos e reformas educacionais “(Souza et al, 2002, p.19)”.

Já nas falas das entrevistadas Yasmin e Ana, encontrei fragmentos de um discurso “sobre as práticas pedagógicas musicais” em uma articulação com o lúdico, ao sensível, aos momentos de “prazer e de brincadeira” que as diversas músicas proporcionam. A música também emerge como um recurso para desenvolver os trabalhos interdisciplinares e organizar estratégias para abordagem de conteúdos específicos, como nos exemplos a seguir:

Música nas práticas pedagógicas?... Eu vejo a música como um momento lúdico, não consigo separar a música desse prazer de brincar, de cantar (...) Vejo assim, que é um dos recursos, a música que permite trabalhar essa coisa assim de interdisciplinaridade, ... então dá para a gente abordar dentro da música vários conteúdos que a gente tem

de trabalhar, né, de Português, de Matemática, de Ciências, Estudos Sociais... E a música em si, às vezes pura, eu as vezes abro mão de interpretar só por ouvir aquela música, só pelo embalo, só pela batucadinha (Yasmin, 22 anos, E.).

Eu acho que música é sensibilidade. O parar e escutar é parar pra te sentir. Então eu não tento trabalhar muito isso com os meus alunos, mesmo...não tendo a capacidade musical que deveria ter, né? (...) Ha,... é uma comunidade super-carente, então, eles não têm esse momento de parar, esse momento de prazer, de escutar música, sabe? Se eles escutam música, eles escutam assim, só a Rádio Eldorado ou a Rádio Farroupilha (...) Então quando eu posso levar isso pra eles, mostrar que não existe só isso, que existem outros tipos, outras coisas também e, optem por aquilo que mais gostarem depois, eu tô dando oportunidade pra eles (Ana, 22 anos, E.).

O depoimento de Ana também aponta para a questão de se levar outros repertórios musicais para os alunos e, desta forma, oportunizar que ampliem suas escutas e façam suas escolhas. Ela complementa que os alunos gostam muito desses momentos de escolhas próprias, pois não os têm, e, segundo Ana:

Na casa deles quem ouve música é o pai e a mãe e eles vão acabar ouvindo o que o pai e a mãe estão escutando. Eles não tem o momento “ah, vou botar meu disquinho”, como eu tive na minha infância, ainda “vou botar meu disquinho e ouvir o que eu quero”. E na aula eles podem fazer isso. Daí eu tento oportunizar momentos de a gente escutar, de a gente ouvir.. (Ana, 22 anos, E.).

Considero que a fala acima nos remete a um tema para reflexão, englobando o que se chama de “música para criança”, que é o que está implicado neste excerto e que me instiga a levantar alguns questionamentos: será que criança tem de ouvir música de criança? E qual será esse repertório das chamadas músicas infantis ou para crianças? Creio que estas duas questões desencadeiam discussões, controvérsias e concordâncias, pois se levarmos em conta a “pedagogia cultural” discutida por Giroux (1995) e Steinberg e Kincheloe (2001), entre outros autores, vamos encontrar uma série de produções culturais – dentre elas, musicais – dirigidas especificamente para serem o público infantil, como músicas, CDs, livros interativos com materiais sonoros e outros artefatos culturais.

Colada a esta reflexão sobre música *de/para* criança, são pertinentes algumas idéias de Subtil (2005) a respeito das práticas musicais e representações sociais em uma pesquisa com crianças de 9 a 11 anos. A autora enfatiza que:

Assim, é importante lembrar que a expressão do pensamento infantil revela meandros, mecanismos e caminhos particulares de gostar e não gostar, emitir opinião [...] As crianças não são consumidoras passivas, pois pensam, julgam, opinam ou fazem

valer critérios de valor, embora confirmando muitas vezes os preconceitos vigentes na sociedade relativos a gênero, classe, etnias e gerações (Subtil, 2005, p.72).

Para encerrar esta cena, selecionei um excerto da autobiografia de Yasmin – outra das participantes desta pesquisa – no qual ela comenta sobre as funções da música na sala de aula, articulando suas vivências musicais com suas práticas pedagógicas de professora. Ela traz uma reflexão sobre os repertórios que estão autorizados ou não a circular nos espaços da escola e a temática da diversidade entrelaçada com as práticas musicais, ressaltando que:

Hoje, como professora, utilizo bastante a música em meu espaço de sala de aula, porque vejo a música como uma maneira lúdica de aprender. Permito a entrada de todos os estilos e gêneros musicais. Há alguns dias, ouvi o CD do Bonde do Tigrão, trazido espontaneamente por meus alunos, e aprendi a coreografia da música Ragatanta (do Grupo Rouge). Também fui a uma loja de discos e conheci uma coleção de músicas instrumentais para bebês, o que me encantou pela suavidade do som (...) O que quero dizer é que não imponho e nem proíbo nenhum tipo música em sala de aula; atento, apenas, para a diversidade, assim como sempre foram minhas experiências de vida: marcadas todas por momentos muito singulares, embalados cada qual pelo som de uma música, que me serve de referência para o resgate mnemônico de tantas saudades... (Yasmin, 22 anos, Primavera de 2002, A).

## **CENA 2: Fragmentos de um curso de música/formação continuada para professores de adolescentes**

Esta cena apresenta alguns tópicos que nortearam o trabalho em um Curso de Formação continuada em música para professores leigos da rede pública de São Paulo, organizado pela Coordenadoria de Programas Educacionais da OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo). Os aspectos que descrevo e analiso fazem parte do Módulo intitulado *Concepções e Práticas da Educação Musical para adolescentes*, no qual atuei como ministrante e que ocorreu entre os meses de maio e junho de 2003, perfazendo um total de trinta e duas horas/aula.

O grupo era composto por cinquenta e quatro professores que trabalhavam com adolescentes em diferentes espaços educacionais, sendo que a grande maioria tinha uma formação específica em Artes, Música, Educação Artística, Educação Musical ou Instrumentos, assim como havia uma parte dos professores que tinha formação em outras áreas do currículo como Literatura, Língua Portuguesa, Biologia, Educação Física, dentre outras.



Em relação ao trabalho desenvolvido na perspectiva de formação continuada, espaço no qual está inserida esta atividade, compartilho com as idéias de Filipouski et al. (2005), as quais enfatizam que:

Em qualquer circunstância, a formação continuada de professores tem na escola um espaço de troca e de reconstrução de conhecimentos. Por meio dela, consolida-se a interação entre as dimensões pessoais e profissionais, dá-se sentido aos processos de formação, atribui-se significados às histórias de vida de cada professor, articula-se teoria e prática (Filipouski et al, 2005, p.11).

Para organizar os encontros parti da Ementa do Curso, que tinha como proposta central desenvolver um trabalho com questões que constituem o campo de atuação da educação musical, em diferentes espaços e contextos escolares. Focalizei também os espaços “das turmas do Ensino Fundamental (5a. a 8a. Séries) e Médio, numa perspectiva de articular as atividades de apreciação, execução vocal e instrumental e improvisação/composição/arranjo com os diversos saberes e as escolhas musicais dos alunos e dos professores (Torres, 2003)”. Considero esta uma oportunidade de diálogo com estes professores acerca de suas experiências musicais em diversos espaços e cenários.

Durante os quatro encontros deste módulo articulamos ainda leituras, discussões teóricas, temas contemporâneos a respeito das concepções de juventude e protagonismo juvenil, relatos de experiências musicais com as atividades práticas desenvolvidas ao longo do curso e também nas escolas e espaços de atuação deste grupo de professores. Um exercício de reflexão-ação.

Dentre as atividades musicais realizadas no decorrer do curso, que envolveram discussão de concepções musicais, audição comentada, exploração sonora e instrumental, criação de paisagens sonoras, escolhas musicais de adolescentes, funções sociais da música, trabalho com múltiplas formas de leitura e escrita musical, organização de arranjos, paródias e execução de peças, selecionei uma que oportunizou a participação de todos os integrantes: a execução de uma peça musical. A base para esta atividade de execução instrumental em grupo foi a partir da música *Peixinhos do Mar*, com um arranjo de Viviane Beineke para flauta doce soprano, contralto, xilofones, metalofones e outros instrumentos de percussão. Com esta versão, foi organizada uma *performance* coletiva, na qual o grupo dividiu-se em três naipes: um com instrumentos melódicos e no qual era necessário o domínio da leitura de partitura tradicional (xilofones,

metalofones e flautas doces); um segundo, formado com instrumentos de percussão como pratos, tambores e triângulos, e um terceiro, composto por chocalhos, ganzás, caxixis e guisos. Os grupos dois e três criaram estruturas rítmicas e acompanhamentos para a linha melódica e criaram uma nova estrutura musical para o arranjo proposto.

Cada naípe, tendo um colega como regente, explorou os timbres de seus instrumentos e organizou um ensaio detalhado durante mais ou menos uma hora, para depois executarem, todos em conjunto. Ficou combinado que a grande performance seria gravada na hora, e depois faríamos uma audição comentada. Tocamos algumas vezes o “nosso arranjo”, e naquela tarde, último encontro do grupo, inúmeras fitas cassete foram trazidas, e a gravação, reproduzida. Cada professor queria levar este registro para suas escolas e compartilhar com seus colegas *A grande performance*.

Selecionei, para trazer para este artigo, um fragmento que mostra um recorte do trabalho de *performance* instrumental, aspecto bastante discutido e até polêmico no nosso campo de discussão, pois envolve questões como: o que é *performance* musical? Será que estes professores/alunos estão realizando uma *performance* musical? Quais são os pontos centrais da pedagogia da *performance*? Quais as nossas concepções como educadores musicais, que envolvem estas práticas instrumentais?

Ao finalizar esta cena, ressalto, ainda, que expus algumas das linhas gerais que podem nortear o trabalho de educação musical nas escolas de ensino fundamental e médio, com atividades curriculares e extracurriculares envolvendo jovens e adolescentes. Creio que, para tanto, é necessário conhecermos os alunos, as escolas e a diversidade do entorno social do qual estamos falando, em uma perspectiva de contextualizarmos o nosso trabalho e ouvirmos as práticas musicais dos nossos alunos.

### **CENA 3: Alunos de um Curso de Graduação em Música e comunidade: entrelaçamentos em uma escola de Samba**

Essa última cena retrata parte de uma atividade musical que é desenvolvida nos Cursos nos quais atuo como professora, Cursos de graduação em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro: Licenciatura, FUNDARTE/UEERGS, através do trabalho desenvolvido através da atividade denominada *Escola de Samba Acadê-*

*micos da Pedagogia*<sup>3</sup>, na qual participam alunos dos quatro cursos e também integrantes da comunidade onde está situada a Fundação Municipal de Arte de Montenegro, na cidade de Montenegro/RS. Os ensaios aconteciam quinzenalmente, e o trabalho era realizado com diversos instrumentos de percussão como tambores, surdos, triângulos, caixas e clavas, incluindo também parte vocal e percussão corporal. Segundo relato de Prass (2005), “Em 2003 [...], juntamente com um grupo de alunos da graduação e pessoas da comunidade, fundamos a Escola de Samba Acadêmicos da Pedagogia” (Prass, 2005, p.65). A autora prossegue em suas reflexões e reafirma que:

Fundamos a *Escola de Samba Acadêmicos da Pedagogia*, um grupo de trabalho para explorar as possibilidades de aprendizagem e de produção de espetáculos, a partir da interdisciplinaridade entre as áreas da música, artes visuais, dança e teatro, suscitada pelo protocolo de uma escola de samba. (Prass, 2005, p.65)

Dentre os objetivos desenvolvidos no espaço dessa Escola de Samba, com suas características específicas, destaco as concepções de sua regente e fundadora ao ressaltar que: “quando pensamos em criar uma escola de samba e em especial uma prática de bateria de escola de samba em uma universidade, pretendíamos relativizar os conteúdos e as aprendizagens convencionalmente oferecidos nos ambientes acadêmicos de ensino de música”. Complementa ainda que, neste caso, “busca explorar as metodologias nativas de experiência musical, enfatizando a oralidade, o fazer coletivo, a corporeidade e a improvisação, elementos fundantes de grande parte das descrições de etnomusicólogos”. Para finalizar seu comentário sobre as metodologias nativas na criação da Escola de Samba, Prass (2005) pontua que estas descrições eram freqüentes com a “música da África e dos países colonizados por africanos”.

Ao eleger essa atividade musical para compor as cenas deste trabalho, com as músicas do repertório, as sonoridades, os ritmos e as coreografias dos integrantes durante os ensaios da Escola de Samba, com o foco nos fazeres musicais, trago as afirmações de Travassos (2005) acerca de dados de sua pesquisa com *estudantes de música e suas experiências formadoras*. A autora inicia seu artigo propondo uma reflexão com aspectos imbricados com música e diversidade, que acredito estarem em consonância com esta descrição de prática musical.

Uma das constatações paradoxais a respeito da música é ela ser, simultaneamente, o que une e o que separa. A música congrega e identifica – daí sua presença obrigatória

nos rituais que celebram a comunhão de um grupo social e seu potencial de discriminação entre “nós” e os “outros”. Ela também diferencia, classifica e hierarquiza – daí a força com que distingue e mesmo estigmatiza (Travassos, 2005, p.11).

Uma característica específica desta atividade, era a sua constituição, por um grupo de integrantes formados por alunos dos quatro cursos de graduação, oportunizando também ser um espaço para a troca de saberes entre os alunos das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro. As palavras de sua fundadora e regente confirmam que este era “um grupo de trabalho para explorar as possibilidades de interdisciplinaridade” (Prass, 2005, p.65).

Dentre as várias atividades musicais oferecidas pelos Cursos da FUNDARTE/ UERGS, citando como exemplos a Orquestra de Sopros<sup>4</sup> e o Conjunto de Flautas Doces, selecionei esta da *Escola de Samba Acadêmicos da Pedagogia*, por considerar suas características de formação, diversidade e práticas musicais em um cenário que mescla aspectos da educação musical e da etnomusicologia. Certamente um tema que nos interpela como educadores musicais e professores formadores de professores.

## **Amalgamando as cenas e unindo os pontos**

Ao finalizar estas reflexões acerca do tema da diversidade de espaços e cenários musicais, proponho um exercício de rever cada uma das cenas apresentada, com as especificidades de seus espaços de formação de cada uma delas.

Na primeira cena, as alunas participantes – também professoras e futuras professoras do ensino fundamental – têm no seu currículo formal ao longo do Curso de Graduação em Pedagogia, um semestre de aulas de fundamentos de educação musical. De acordo com as narrativas das entrevistadas, na maioria das vezes elas afirmam que não tiveram outras oportunidades de formação musical ao longo de sua vida como estudantes e, a grande maioria, não havia tido aulas de músicas regulares ao longo de todo o processo de escolarização. Um pequeno grupo de alunas declarou que teve aulas de música durante o ensino fundamental, sendo a grande maioria em escolas confessionais. As participantes da pesquisa ainda chamam a atenção e valorizam esta oportunidade de terem aulas de música durante o curso de graduação em Pedagogia, mesmo

que as aulas e atividades musicais ocorram apenas durante um semestre letivo.

Dentre os educadores musicais que focalizam e pesquisam *nos/sobre* os diversos espaços de formação de professoras e professores que atuam no ensino fundamental, séries iniciais, destaco os trabalhos de Bellocchio (2002), Spanavello e Bellocchio (2005), Figueiredo (2005) e Torres (2005, 2006) articulados com as discussões trazidas nesta cena.

Já na segunda cena, os professores, de diferentes formações e espaços escolares, buscam, em cursos de formação continuada na área de educação musical, subsídios e oportunidades para fundamentar reflexões sobre as práticas, assim como rever as suas próprias práticas e concepções musicais. São espaços que oportunizam também a ampliação, o estranhamento e a troca de conhecimentos musicais através de leituras e discussões sobre outras abordagens acerca dos fazeres e saberes musicais seus e de seus alunos/as.

A cena três apresenta sons e concepções que norteiam o trabalho de uma escola de samba em um espaço de Cursos de Graduação em Música: Licenciatura, bem como os comprometimentos desta atividade com a comunidade local através das escolas nas quais os alunos realizam seus Estágios e, desta maneira, com as sonoridades de seu entorno social.

Acredito que, apesar das diferenças nas performances, nos repertórios, nos tempos e espaços de formação dos vários autores que compuseram estas cenas, cada um deles entrelaça conhecimentos musicais do seu cotidiano com aprendizagens e práticas musicais dos seus espaços de formação.

A educação musical como área do conhecimento tem seus fundamentos básicos e suas metodologias específicas, que necessitam dialogar e conhecer outras áreas do conhecimento, como a etnomusicologia, a sociologia, a psicologia, a musicologia, a pedagogia, a filosofia da música para auxiliar nas questões e reflexões, embasar discussões, organizar planos de trabalho e adotar condutas.

Finalizando, gostaria de ressaltar a importância de valorizar o trabalho de e com música na sala de aula em diferentes contextos, assim como buscar fazer propostas musicais para os espaços formais e informais. Creio que devemos pensar na diversidade que permeia estes espaços de aprendizagens musicais para a organização de currículos com atividades musicais ancorada na multiplicidade de estilos e escolhas do cotidiano dos nossos alunos, permitindo, desta maneira, que não se excluam os grupos envolvidos, muitas vezes em

nome de programas e conceitos musicais rígidos. Uma oportunidade para podermos conhecer músicas, termos algum tipo de estranhamento e também compartilharmos sonoridades e escolhas.

---

## Notas

<sup>1</sup> Parte deste texto foi apresentado no Painel intitulado Educação musical e diversidade: vários espaços e qual formação?, no VIII Encontro Regional da ABEM/Sul, realizado em 2005 (Pelotas/RS).

<sup>2</sup> Recorte de capítulo da tese Identidades musicais de alunas da Pedagogia: músicas, memórias e mídia, defendida no PPGEDU/UFRGS em dezembro de 2003, sob a orientação da Dra. Rosa Maria Hessel Silveira.

<sup>3</sup> Trabalho orientado e realizado pela professora do Curso, Ms. Luciana Prass.

<sup>4</sup> Orquestra de Sopros é formada por alunos do Curso de Graduação em Música e pessoas da comunidade, sob a regência do professor Marcelo Piraiño, O Grupo de Flautas Doces da FUNDARTE é constituído por alunos do Curso de Música e professores, sob a regência da professora Marília Stein.

---

## Referências

BELLOCCHIO, Cláudia. Escola – Licenciatura em Música – Pedagogia: compartilhando espaços e saberes na formação inicial de professores. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n.7, p.41-48, set.2002.

FIGUEIREDO, Sergio. Educação musical nos anos iniciais da escola: identidades e políticas educacionais. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n.13, p.21-30, set. 2005.

FILIPOUSKI, A. M.; MARCHI, D. M.; SCHÄFFER, N. O. (Org.). *Teorias e fazeres na escola em mudança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

GIROUX, Henry. Praticando Estudos Culturais na faculdade de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.85-103.

PENNA, Maura. Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre educação musical. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n.13, p.7-16, set. 2005.

PRASS, Luciana. Por uma educação musical anti-racista. *Anais do 19º. Seminário nacional de Arte e Educação*. Fundação Municipal de Artes de Montenegro. Montenegro: Editora da FUNDARTE, 2005, 62-67.

SOUZA, Jusamara; HENTSCHKE, Liane et al. (Org.) *O que faz a música na escola?* Porto Alegre: PPG em Música/UFRGS, 2002.

SPANAVELLO, Caroline; BELLOCCHIO, Cláudia. Educação musical nos anos iniciais do ensino fundamental: analisando as práticas educativas de professores unidocentes. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n.12, p.89-98, março, 2005.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. *Cultura Infantil – a construção corporativa da infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SUBTIL, Maria José. Mídias, música e escola: práticas musicais e representações sócias de crianças de 9 a 11 anos. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n.13, p.65-74, set. 2005.

TORRES, Maria Cecília. *Saberes musicais de professores das séries finais e do ensino médio: cenas de um curso de formação continuada* Anais do XIV Encontro Anual da ABEM, Belo Horizonte, 2005.

TORRES, Maria Cecília. A.R. Amalgamando lembranças musicais com práticas pedagógicas de professoras do ensino fundamental. Anais do VI ANPED Sul, Santa Maria, 2006.

TRAVASSOS, Elizabeth. Aportamentos sobre estudantes de música e suas experiências formadoras. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n.12, p.11-20, março, 2005.